

# EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS METODOLÓGICOS:

PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS  
CONTEMPORÂNEOS POR IDOSOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

## *IN SEARCH OF NEW METHODOLOGICAL PATHS:*

PERCEPTION AND EXPERIENCE IN CONTEMPORARY URBAN PUBLIC  
SPACES BY ELDERLY PEOPLE IN THE CITY OF JOÃO PESSOA

MARCELA DIMENSTEIN<sup>A, B, C, D, E, F</sup>

Centro Universitário de João Pessoa, Curso de Arquitetura e Urbanismo, João Pessoa, PB, Brasil  
Instituto Superior de Educação da Paraíba, Curso de Arquitetura e Urbanismo, João Pessoa, PB, Brasil

JOVANKA BARACUHY CAVALCANTI SCOCUGLIA<sup>A, E, F</sup>

Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, João Pessoa, PB, Brasil

**R E S U M O :** Neste artigo buscamos discutir as novas possibilidades de compreensão da cidade contemporânea, das ferramentas e formas de registro de aproximação e identificação das experiências efêmeras, vistas aqui como positivas, enquanto formas que contestam as ideias pessimistas sobre a condição contemporânea de resistência e crítica à ideia de empobrecimento da ação urbana, de perda da corporeidade nos espaços públicos. Objetivamos apresentar nossas reflexões vinculadas à construção metodológica de pesquisa com um grupo de idosos que experimentam os espaços públicos do centro de João Pessoa. Convidamos à reflexão sobre as nossas estratégias investigativas e de análise, recriando modos de aproximação, abordagem e vínculo com o grupo focal. Discutiremos os desafios e as possibilidades de investigação de campo, os registros e a transmissão das experiências urbanas coletadas. Procuramos combinar a fotografia e desenhos na nossa própria narrativa, procurando facilitar a leitura do espaço trabalhado e das relações construídas.

**P A L A V R A S - C H A V E :** idosos; memória; experiência urbana; espaço público; novas metodologias.

**A B S T R A C T :** *In this article we seek to discuss the new possibilities of understanding the contemporary city, the tools and forms of registering the approximation and identification of ephemeral experiences, seen here as being positive, as forms that challenge the pessimistic ideas regarding the contemporary condition of resistance and criticism to the idea of impoverishing urban action, of losing corporeality in public spaces. We aim to present our reflections linked to the methodological construction of research with a group of elderly people who experience the public spaces in the central area of João Pessoa. We invite you to reflect on our investigative and analytical strategies, recreating ways of approaching and bonding with the focus group. We will discuss the challenges and possibilities of field research, the records and the transmission of the collected urban experiences. We have attempted to combine photography and drawings within our own narrative, in order to facilitate the understanding of the studied space and the constructed relationships.*

**K E Y W O R D S :** *elderly people; memory; urban experience; public space; new methodological strategy.*

---

**Contribuição de cada autora:** A. fundamentação teórico-conceitual e problematização; B. pesquisa de dados e análise estatística; C. elaboração de figuras e tabelas; D. fotos; E. elaboração e redação do texto; F. seleção das referências bibliográficas.

**DOI:** <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2017v19n3p417>

## INTRODUÇÃO

Neste artigo abordaremos novas formas de pensar, pesquisar e intervir na cidade contemporânea, partindo da premissa de que vivemos um momento caracterizado como “alta modernidade” (SENNET, 2004), no qual a sociedade assume características de efemeridade, transitoriedade em diversos âmbitos das relações sociais e econômicas. Essa nova fase tem repercussões na cidade e no urbanismo, na sociabilidade e na experiência individual e coletiva nos espaços públicos que indicam uma tendência à “flexibilidade e ao individualismo”, bem como a um novo aprendizado de como viver com estranhos. Sennet (2004), refletindo sobre as mudanças no capitalismo recente e de como ele modifica as relações socioespaciais e os valores culturais, considera haver hoje duas tendências dialéticas: “flexibilidade e indiferença, rigidez e estranhamento”.

Simmel (2005) e Benjamin (2012), no início do século XX, já apontavam para as transformações no comportamento e na sensibilidade dos cidadãos promovida pelas novas formas de vida nas grandes cidades marcadas pelo cálculo, pelas novas tecnologias e pela efemeridade das relações, identificando o “indivíduo blasé” e o “flâneur”, respectivamente, como atitudes e comportamentos resultantes das mudanças culturais e urbanas. Assim também, os Situacionistas, desde a década de 1950, já indicavam as características da sociedade e da cidade aprisionadas na alienação e na passividade do consumo e dos modelos de urbanismo desumanizados. Eles exigiam mudanças e manifestações que estimulassem novas formas e relações nos espaços urbanos, combatendo modelos e padrões de urbanismo e planejamento meramente técnicos prescindindo das situações cotidianas e interação sociocultural (DEBORD, 1997; JACQUES, 2003).

Partindo desse ponto, ganha relevância nas pesquisas acadêmicas o estudo das experiências de alteridade nas cidades, em especial a identificação do outro lado desses processos, ou seja, a possibilidade de trocas, afetos, vínculos e sociabilidades diversas nos espaços públicos<sup>1</sup>, bem como a interdisciplinaridade, como um caminho para compreensão dessas formas e relações urbanísticas. Evidencia-se, assim, a necessidade de novas ferramentas para compreender as mudanças na natureza do fenômeno urbano.

Buscamos discutir as novas possibilidades de compreensão da cidade contemporânea, das ferramentas e formas de registro, de aproximação e identificação das experiências efêmeras, vistas neste artigo pelo lado positivo, enquanto formas que contestam as ideias pessimistas sobre a condição contemporânea, de resistência e crítica à ideia de empobrecimento da ação urbana, de perda da corporeidade nos espaços públicos e de “morte do homem público” (SENNET, 2004).

E, nesse sentido, partimos da ideia de que experimentar a cidade nos permite sentir seus ritmos, seus contornos e a oportunidade de descobri-la e criar relações com ela e com o Outro nos espaços coletivos. Assim, apesar dos mecanismos contrários vinculados à mercantilização e instrumentalização técnica das práticas comumente associadas à vida urbana contemporânea, pensamos ainda ser possível estimular e fortalecer a “escala comunicativa” (SANTOS, 2008), a escala relacional do lugar, dando, inclusive, maior visibilidade às urbanidades nos espaços coletivos, ao estudo e publicação de seus resultados.

Alia-se também a essa ideia uma perspectiva crítica quanto às políticas e projetos urbanos contemporâneos que visam, sobretudo, construir uma imagem de cidade

<sup>1</sup> Espaço público é aqui tratado na sua dimensão de lugar de conflito e dissenso, de encontro com o Outro, da alteridade e da diversidade, mas também a dimensão de convivialidade, de urbanidade no sentido urbanístico de espaços livres abertos, de visibilidade e acessibilidade irrestritos.

suficientemente homogênea e pacificada, tencionando atrair capital mercantil. As imagens criadas dessas cidades acabam-se tornando cada vez mais parecidas, uma vez que seguem um modelo internacional, uma espécie de *branding*, vinculado ao capital financeiro e às grandes marcas de empresas multinacionais (JACQUES, 2004).

Dessa forma, é comum vermos os atritos existentes entre os projetos urbanos e as formas de apropriação cotidianas. Segundo Santos (1985) e Jacques (2004), é preciso pensar o constante processo de mutação das cidades e a importância de novos posicionamentos construídos em meio ao espaço vivido, em oposição às estratégias de intervenção “de cima”, termo utilizado por Certeau (1990, p.170) ao tratar da “cidade-panorama”. Esta última seria um simulacro que engessa e transforma o observador em *voyeur*, distante do que acontece “lá embaixo”, nos limiares onde cessa a visibilidade e onde vivem os praticantes ordinários da cidade (CERTEAU, 1990). Assim, urge refletir sobre a complexidade das formas urbanas e das experiências que nela se realizam cotidianamente, mostrando a necessidade de apreender as simultaneidades (LEFEVBRE, 2001) e as novas formas de sentir e entender a multiplicidade dos seus espaços e relações.

Com esse objetivo, apresentaremos neste texto algumas das nossas reflexões vinculadas à construção metodológica de pesquisa com um grupo específico de idosos que flanam, usam e experimentam os espaços públicos do centro da cidade de João Pessoa, fazendo das ruas, calçadas e praças seus locais de ver e serem vistos. Convidamos à reflexão conjunta sobre as estratégias metodológicas e de análise de que tivemos que lançar mão, recriando modos de aproximação, abordagem, confiança e vínculo com o grupo focal da pesquisa. Discutiremos os desafios e as possibilidades de investigação de campo, os registros e a transmissão das experiências urbanas coletadas.

## **ALTERIDADE, MEMÓRIA URBANA E NOVOS MODOS DE APREENSÃO DA CIDADE**

Partimos da discussão de alguns conceitos inerentes às nossas pesquisas e que exigem um pensamento mais elaborado antes de apresentarmos as estratégias metodológicas de campo e registro das experiências. Seriam eles: alteridade, memória urbana e novos modos de apreensão da cidade.

A cidade é entendida, nessa pesquisa, como um produto histórico social, mas também lugar de atualização e transformação cotidianas das práticas, mentalidades e formas de vida e, ao analisá-la, revela-se uma indissociabilidade entre espaço e sociedade (LEFEVBRE, 2001; CARLOS, 2004). Enquanto espaço de simultaneidades, inclui-se no seu estudo o estabelecido e o normatizado e o que foge à regra e se rebela. Essa visão da cidade abre a possibilidade para o entendimento da inevitabilidade das contradições, conflitos, bem como de novas relações sociais que produzem ou são produtos do cotidiano.

Nessa perspectiva, um novo espaço tende a se criar em decorrência da atual forma em que se está conduzindo o capital, a política e a cultura, cada vez mais ligados ao plano mundial. Milton Santos chama-os de espaços da hegemonia, que se manifestam com a padronização de diversas empresas e suas representações espaciais (grandes cadeias de hotéis, de *fast food*, *shopping centers*, condomínios fechados, etc.), disseminação da cultura individualista, especulação imobiliária, aumento da

violência, destruição ambiental. Com isso, produz-se uma paisagem completamente dominada por grandes distâncias, dependência do automóvel e megaempreendimentos, evidenciando o quanto a escala do homem e do pedestre foi relegada a segundo plano nos projetos e ações sobre a cidade moderna, bem como as contradições das formas socioespaciais, da apropriação e interação social nos espaços públicos.

Essa relação conflituosa entre a cidade “mundializada” e a cidade onde acontece a vida cotidiana revela ainda uma lógica espacial que apresenta como tendência a destruição de diversos referenciais urbanos. Segundo Carlos (2004), a busca do incessantemente novo, com novas formas urbanas que se constroem sobre outras, com profundas transformações na morfologia, revela uma paisagem em constante renovação gerando relações conflituosas de estranhamento e de identidade. Tudo indica que há uma perda das tradições, nos termos de Benjamin (2012), e dos referenciais urbanos que fragmenta a memória individual e coletiva, promovendo a efemeridade das relações e espacialidades, uma vez que elementos conhecidos na paisagem desaparecem, levando marcas do passado histórico e provocando estranhamento, não só pela mudança das formas, mas também porque produzem novas relações socioespaciais, mudando o contexto de vida cotidiana.

Em princípio, os idosos são personagens importantes de suas cidades, uma vez que testemunharam e construíram as suas histórias de vida nesses espaços e protagonizaram as transformações ao longo do tempo. Logo, nessa perspectiva, podem ser considerados agentes que contribuem para os estudos e pesquisas relacionados a ela. Através da memória dos idosos é possível desvendar elementos relativos ao passado, à cultura e aos afetos vinculados a um lugar, principalmente quando se busca analisar aspectos ligados ao cotidiano do presente e passado.

Porém, a lógica de produção dos espaços da cidade contemporânea, por diversas vezes, não contempla o direito do idoso de senti-la, construí-la e lembrá-la. A partir do momento em que esse direito é negado, essa população - em meio a um contexto de vida cada vez mais efêmero e que não lhes oferece tempo para recordações - tem seu sentimento de apego e pertencimento à cidade minado.

De certa forma, estudar a memória dessa população contribui para pensar preventivamente acerca dos problemas urbanos e do futuro das cidades. Uma cidade que desperta lembranças e afetos influencia diretamente na forma pela qual a população constrói suas percepções e experiências cotidianas.

Santos (1985), ao estudar a apropriação dos espaços de uso coletivo em duas áreas do Rio de Janeiro, coloca que a cidade dá margem a muitas conjunções de espaços e atividades que não se excluem, mas acontecem simultaneamente (LEFEBVRE, 2001). Os arranjos socioespaciais existentes têm fronteiras fluídas e se intercalam, o que significa que não há uma coisa apropriada para cada espaço, nem um espaço apropriado para cada coisa. A mistura e a diversidade estão em toda parte e são inevitáveis na vida urbana.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Jacques (2010) fala-nos a respeito de micro resistências urbanas. Estas, que são inerentes a todo o processo espetacularizador<sup>2</sup> e mundializador dos espaços urbanos, também aparecem como elemento de crítica, uma vez que tencionam e problematizam dentro do próprio processo (em outra escala) formas de infiltração ou pequenos desvios. Segundo a autora, as possibilidades de microrresistências urbanas podem ser encontradas no uso cotidiano da cidade, em particular na experiência espontânea, nos usos conflituosos e não consensuais que contrariam os usos planejados.

2 Termo que se remete ao processo de mercantilização das cidades através da publicidade, do *marketing* e do *branding* urbano tencionando construir uma imagem cada vez mais homogeneizada e pacificada desta. Os Situacionistas – grupo de artistas, pensadores e ativistas na década de 1960 – lutavam contra o espetáculo e a cultura espetacular, ou seja, eram contra a não participação, alienação e passividade da sociedade. Afirmavam que o antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura (JACQUES, 2003).

A experiência corporal seria uma prática comum e cotidiana que nos levaria a pensar a inserção do corpo no espaço urbano como elemento de fruição de novas ambiências e sociabilidades subjacentes. A importância do corpo está em ser o veículo utilizado por nós para expressar diariamente nossas relações e é a partir dele que os lugares vão ganhando sentido, vão sendo apropriados e percebidos. Santos (2006) pontua que, em meio ao mundo da fluidez, da vertigem, velocidade, dos deslocamentos e das banalidades, podemos redescobrir a corporeidade no ser humano, mesmo que por contrastes, encontrar no corpo uma certeza materialmente sensível diante de um universo difícil de apreender.

O conceito de experiência é tema central em autores clássicos da filosofia e da sociologia como George Simmel, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin<sup>3</sup>, que identificaram transformações radicais no espaço e no tempo provocadas pela passagem da pequena cidade às metrópoles europeias de finais do século XIX.

Benjamin, em *Experiência e Pobreza*, obra de 1933 (2012), traz à tona a questão do empobrecimento da experiência na modernidade em comparação às sociedades de compasso mais lento, de um tempo em que se valorizava a sabedoria e o conhecimento que passava de geração em geração, conservando tradições e um universo histórico e cultural compartilhado. Gagnebin (2012) indica que Benjamin, em meio ao mundo capitalista moderno, vê a experiência (*Erfahrung*) se enfraquecer em detrimento de outro conceito – a vivência (*Erlebnis*) – característica do indivíduo solitário.

O autor retoma o tema diversas vezes em sua obra, a exemplo também de “O narrador”, em que trata do aniquilamento de uma experiência, outrora sinônimo de sabedoria e autoridade, consolidada por meio da transmissão de geração em geração, associada à vida social, coletiva, comunitária, ritualística e artesanal. As formas narrativas modernas são vistas como sintomas de um processo de esfacelamento da experiência: a narração – própria de um tempo onde ainda havia tempo para contar e ouvir histórias – fora substituída pelo romance, associado aos indivíduos isolados e solitários, e este, posteriormente, substituído pela informação jornalística, forma uma narrativa fragmentada e desconexa.

Os conceitos de experiência (*Erfahrung*) e de vivência (*Erlebnis*), em Walter Benjamin, se contrapõem, ainda, no sentido de que na esfera da vivência na cidade moderna, marcada por eventos e sensações, resta ao ser humano a capacidade de reagir a esses estímulos (reportamos à noção de choque da experiência de modernidade nas grandes cidades também presente na obra de George Simmel e Siegfried Kracauer). A memória (e seu correlato – o esquecimento) é vista como imprescindível à experiência, porém, diante dos choques, o ser humano absorve e armazena suas vivências na camada mais superficial da consciência, impossibilitando recursos para a experiência estética ou poética.

Nesse sentido, Benjamin encanta-se pela poética de Charles Baudelaire e pela recriação da figura mítica do *flâneur*. Jacques (2012) ressalta que essa figura buscava experimentar ao máximo a cidade que viria a ser transformada, observando enquanto caminhava tranquilamente pelas ruas e ao redor das multidões, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem.

A participação ativa e a imersão na vida da cidade também foram preconizadas pelo grupo dos Situacionistas entre as décadas de 1950/1960. Esse grupo de pensadores e ativistas<sup>4</sup> questionava a disciplina do urbanismo que se instituía naquele momento, assim como a lógica capitalista que o fundamentava indicando

<sup>3</sup> Ver a respeito: Füzessey e Simay (2008).

<sup>4</sup> Dentre os membros da Internacional Situacionista, destacam-se o artista escandinavo Asger Jorn, o artista inglês Ralph Rumney, a escritora francesa Michèle Bernstein, o escritor francês Guy Debord, dentre outros.

o espetáculo, a não participação e a passividade da sociedade frente à vida social, política e cultural da cidade como consequências desses processos.

A crítica ao urbanismo e ao planejamento urbano tinha em Debord (1997) um dos inspiradores que não propunha modelos de urbanismo em substituição ao vigente, mas sim a construção de situações, isto é, a construção concreta de intervenções efêmeras que seriam ao mesmo tempo produto e instrumento de novos comportamentos, incitadores da proximidade e da corporificação das experiências urbanas. Para tal, propunham utilizar empiricamente as condutas cotidianas e as formas culturais existentes, contestando seus valores e interagindo com o espaço material da vida e com os comportamentos que ele provoca. Os situacionistas proveram uma das críticas mais importantes ao urbanismo moderno e à transformação da cidade em espetáculo, apontando, como estratégia oposta, um “Urbanismo Unitário”. Unitário, por ser contrário à separação moderna de funções preconizada na Carta de Atenas (1933), mas sem propor uma doutrina do urbanismo, e sim uma crítica radical (JACQUES, 2003).

Assim, percebemos que os processos urbanos já não são mais passíveis de serem enquadrados em um modelo único, e diversos profissionais das mais variadas áreas do conhecimento estão em busca de novas formas de apreender as cidades articulando campos disciplinares afins (arte, sociologia, antropologia, geografia, psicologia, filosofia). Destacamos o esforço de pesquisadores, em eventos e publicações mais recentes, em refletir sobre epistemologia e novas alternativas metodológicas para compreensão dos espaços, comportamentos e intervenções urbanas. A arte e a etnográfica favorecem a reflexão crítica e a busca de diferenciação no exercício investigativo mais aberto à espontaneidade e às situações e práticas cotidianas nos espaços públicos contemporâneos<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Ver a respeito: Agamben (2005).

Autores como Santos (1985), Jacques (2012), Ribeiro (2010), Thibaud (2012), dentre outros, além de discutir acerca da cidade contemporânea, tratam de novas estratégias de investigação e de possibilidades de intervenção que venham questionar os limites das ferramentas tradicionais de pesquisa, como também aproximar o pesquisador da própria experiência na cidade.

Ganha relevo a corporeidade no espaço e as experiências ou situações urbanas da alteridade. Além disso, percebemos um esforço no compartilhamento e transmissão dessas pesquisas e da própria crítica ao urbanismo modelar. A crítica contemporânea incorpora, assim, a dimensão evidenciada por Benjamin (2012) quando preconiza uma perda da “arte de narrar”. Fala da experiência e da autoridade dos mais velhos e da sua forma de transmissão através de narrativas e histórias, questionando-se, em seguida, “Que foi feito de tudo isso?” (BENJAMIN, 2012, p.123).

Entretanto, Gagnebin (2007) considera que Benjamin não declara o fim da “arte de narrar” como uma perda irreversível de um passado nostálgico, mas como uma possibilidade de criar outras narrativas baseadas em nosso tempo, com todas as limitações existentes, que escapem ao empobrecimento da vida isolada e busquem as experiências coletivas.

Dessa maneira, a procura de recursos metodológicos que venham a registrar e facilitar essas narrativas e trocas de experiências pode promover novas perspectivas metodológicas no estudo das cidades contemporâneas. Neste artigo procuramos expor as estratégias metodológicas que lançamos mão para nos aproximar e compreender a forma como os idosos experienciam e representam o centro da cidade de João Pessoa. As experiências dos idosos revestem-se de importância para os estudos urbanos por,

pelo menos, duas razões: primeiro, porque lidamos com um público que tenta transmitir suas experiências atuais em uma cidade que se transformou e já não é como antes, por meio da narração de suas memórias e histórias. Em segundo lugar, por ser um trabalho de inspiração etnográfica, a forma de narração que utilizamos para melhor transmitir nossa experiência como pesquisadores está diretamente ligada ao trabalho de campo, de escuta do outro e a escolha dos interlocutores. Não podemos esquecer que a narração se dá de diferentes formas: texto, fotografia, música, vídeo, desenho, etc. e funciona, muitas vezes, como um facilitador do diálogo entre pesquisador/pesquisado e do registro dos discursos e práticas.

Inspiradas em Santos (1985), trabalhamos com a observação de campo e as entrevistas semiestruturadas, os recursos fotográficos e cartográficos, desenhos e montagens. Para Santos (1985, p. 15), o desenho realça aspectos diluídos nas fotografias que confundem o pesquisador com sua “ilusão realista” imediata. Nesse caso, pontos de encontros, centros de convívio, locais de jogos, dentre outros que faziam parte da vida do bairro estudado foram submetidos à observação e ao registro iconográfico detalhado. Os desenhos obtidos a partir das fotos permitiram uma leitura sintética de uma série de eventos significativos.

Mccloud (1995), quadrinista e defensor do quadrinho como uma forma literária e de arte, em seu livro *Desvendando os quadrinhos*, defende a utilização do desenho para diferentes fins. Seu vocabulário consiste em uma gama de símbolos visuais que, quando colocados em sequência, conseguem substituir o tempo pelo espaço, estimular sentidos, representar um mundo invisível e facilitar narrativas entre o leitor e o escritor. Os quadrinhos são, assim, um inestimável portal através do qual podemos ver o mundo. São vitais para diversificar nossas percepções das coisas ao nosso redor e compreender o nosso meio ambiente através de vários pontos de vista. Procuramos combinar a fotografia, desenhos, quadrinhos na nossa própria narrativa como recursos de pesquisa e de transmissão dos resultados obtidos, procurando facilitar a leitura do espaço trabalhado e das relações construídas, traduzindo as intenções da experiência vivida pelas próprias pesquisadoras.

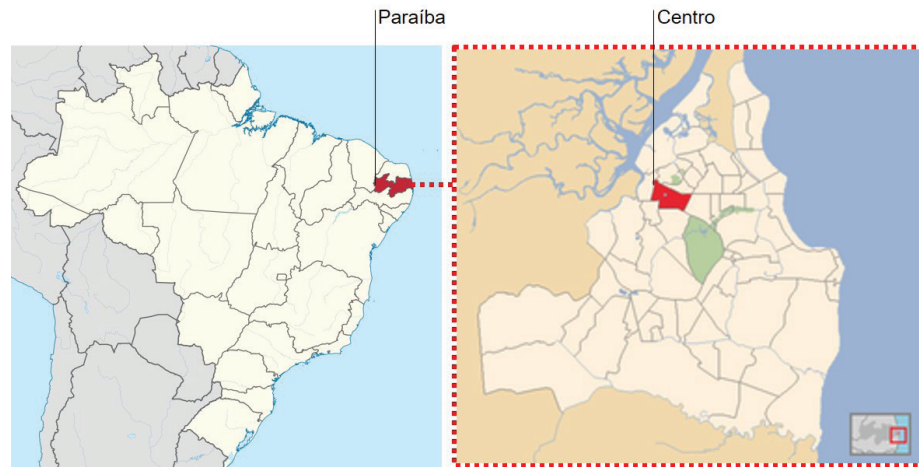
## DO CENTRO DAS MEMÓRIAS AO CENTRO DE HOJE

O lócus privilegiado desta pesquisa é a cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, localizada no Nordeste brasileiro. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, a cidade concentra 801.718 habitantes, dentre esses, 74.087 são idosos e 3.644 moram na área central da cidade.

João Pessoa, ao longo dos seus 430 anos de existência, experimentou, como diversas outras cidades, inúmeras transformações que modificaram o seu perfil original de uso e ocupação do solo. Entretanto, foi a partir da década de 1970 que a capital paraibana apresentou um elevado aumento populacional e um crescimento de seu espaço urbano. Segundo Pereira (2008), nesse período, João Pessoa já contava com 221.546 habitantes e sua frota de automóveis com 10.724 unidades. Este elemento acabou por facilitar o deslocamento da população que se afastava cada vez mais da região central em direção aos novos bairros de classe média (Zona Leste) que acompanhavam as imediações da Av. Epitácio Pessoa<sup>6</sup>.

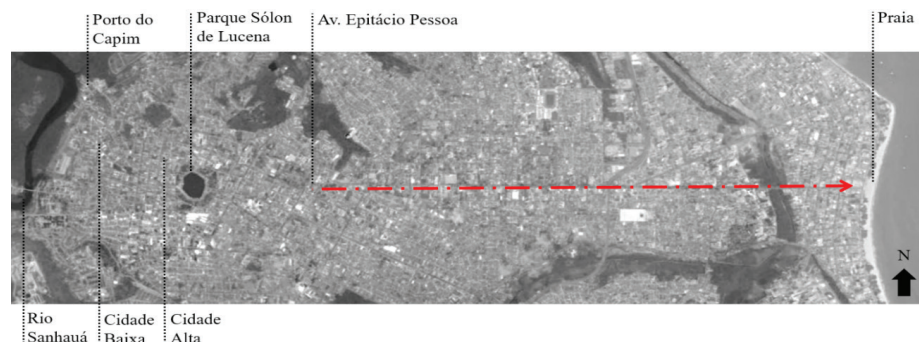
<sup>6</sup> A Avenida Epitácio Pessoa foi aberta na década de 1920, período que, segundo Martins e Maia (2015), se caracterizou como um momento de grande efervescência política e sociocultural, com a consolidação de conceitos/modelos representativos da modernização que já ocorriam em diversas capitais brasileiras. Destacou-se por ser o principal eixo de expansão da cidade do centro para a zona leste praiana.

Figura 1: Mapa de localização da Paraíba e João Pessoa com indicação da área central



Fonte: Mapa do Google Maps editado por Marcela Dimenstein, 2016.

Figura 2: Mapa da cidade de João Pessoa



Fonte: Imagem do Google Earth editada por Marcela Dimenstein, 2016.

**7** A Praça Vidal de Negreiros, também chamada de Ponto de Cem Réis, é uma das principais praças da cidade. Está vinculada à modernização do transporte pessoense e reivindicações públicas, além de ter um entorno caracterizado por edificações de prestígio como o casario eclético que pertenceu à família dos Ávila Lins, o Paraíba Palace Hotel, o Edifício Régis e Duarte da Silveira. Está inserida entre as ruas Visconde de Pelotas e Duque de Caxias, que endereçavam símbolos da riqueza e elegância da capital, como o Cine Rex, Cine Plaza, a sede do Clube Cabo Branco, a faculdade de Direito, dentre outros.

**8** O Parque Sólón de Lucena, também conhecido como Lagoa, é um dos cartões postais da cidade. Está a apenas 2 quadras das Ruas Visconde de Pelotas e Duque de Caxias, onde se localiza a Praça Vidal de Negreiros.

Enquanto isso, no centro da cidade, observaram-se os primeiros indícios da transferência de usos habitacionais para usos voltados aos serviços “terciários”. As residências reservadas às camadas de alta renda foram, gradativamente, sendo substituídas por edifícios destinados ao comércio e serviços (ANDRADE, 2007). As décadas de 1970/80 marcaram a área central como grande foco de vitalidade comercial para a cidade, permanecendo assim até o início da década de 1990. Foi durante esse período que o centro presenciou obras de reforma urbana que visavam resolver problemas estruturais e sanitários que acometiam a área. Foi o caso do primeiro viaduto da cidade que recortou a Praça Vidal de Negreiros<sup>7</sup> (também chamada de Ponto de Cem Réis) para construir uma passagem de nível entre a Cidade Baixa e o Parque Sólón de Lucena<sup>8</sup>.

Segundo Scocuglia (2004), até a década de 1970, ainda havia no centro um tipo de sociabilidade semelhante a qualquer outro bairro da cidade. O comércio, as missas e a moradia conviviam com a reconhecida atividade noturna de prostituição e boemia que o estigmatizavam. Em meados da década de 1980, iniciou-se o período de revitalização do Centro Histórico e de valorização do patrimônio cultural na cidade como estratégia de desenvolvimento econômico para atender às políticas voltadas para o turismo em nível nacional e internacional.



O Convênio Brasil/Espanha de cooperação internacional teve início em 1987, objetivando revitalizar e reinventar a imagem da área, em uma tentativa de trazer usos condizentes com o seu passado de boemia, uma vez que a área era vista como degradada e abandonada. Esse argumento reforçou e ainda reforça a justificativa de revitalização em diversas cidades, entretanto, a dimensão social das políticas urbanas fica obscurecida ao se afirmar que essas áreas antes de serem revitalizadas eram abandonadas e desertas, pois de fato essas sempre foram carentes de benefícios públicos e nunca de pessoas, de vida (SCOCUGLIA, 2004).

Dá surgiram as críticas às políticas conflitantes de revitalização implementadas em diversas cidades do Brasil e que vêm ocorrendo em João Pessoa, por sua negligência para com uma população “invisível” que encontrou nas áreas centrais e históricas um local de refúgio, moradia e ganha pão.

Conforme ressalta Scocuglia (2016), a problemática central relativa aos processos de produção e apropriação dos espaços públicos contemporâneos identificadas nas áreas revitalizadas dos centros de João Pessoa estão alinhadas com um tipo de intervenção público-privada voltado para a mercantilização dos espaços e inserido num processo de “espetacularização” (DEBORD, 1997; BRITO; JACQUES, 2009) dos atributos urbanos, visando ao turismo, ao lazer e ao consumo que tendem historicamente a alcançar resultados como privatização dos espaços públicos, especulação imobiliária e “gentrificação” (processos de expulsão da população mais pobre e/ou pré-existente) ao estimular práticas de consumo, higienizar e interditar espaços anteriormente propícios às atividades de grupos estigmatizados.

Um dos resultados dessa elaboração de cenários para consumo é o “empobrecimento da experiência urbana” dos cidadãos, uma vez que os espaços de participação civil, de produção criativa e de vivência afetiva ficam cada vez mais restritos, assim como as suas oportunidades de ocorrência, e comprometem qualitativamente as possibilidades de complexificação e diversidade da experiência urbana.

Essa problemática tematizada e, por vezes, recorrente em discursos acadêmicos e da administração pública dessas cidades, ainda precisa amadurecer no sentido de obter um redimensionamento das responsabilidades e implicações, promovendo um enfrentamento do suposto consenso das abordagens que pregam a coexistência pacífica entre diferentes identidades, mascarando os inevitáveis conflitos de interesses e as tentativas de agenciamento dos espaços públicos como instrumentos dos poderes instituídos e hegemônicos para manutenção do *status quo* bem como dos princípios favoráveis à ampliação dos mecanismos mercantis.

Supomos, assim, que o estudo das relações entre uso e apropriação dos espaços públicos da cidade possa indicar caminhos alternativos de promoção da qualidade de vida urbana. Conforme apontam Brito e Jacques (2009), é da relação entre o corpo do cidadão e “outro corpo urbano” que poderão surgir outras formas de apreensão urbano-corporal e, conseqüentemente, outras formas de reflexão, léxicos mais adequados ao contemporâneo e projetos urbanos participativos.

## CONSTRUINDO UM PERCURSO DE PESQUISA JUNTO COM OS IDOSOS

A pesquisa sobre a percepção e experiência dos idosos foi realizada, em 2014, nos espaços públicos de grande concentração comercial e serviços, local de shows, festas e manifestações políticas no centro de João Pessoa, o que lhe confere uma intensa movimentação diária de pessoas. Considerando que o centro foi, por muitos anos, o lugar de moradia e trabalho da sociedade paraibana em formação e transformação, bem como que a arquitetura ali existente reflete os valores e significados dessa época, destacamos o caráter desses espaços enquanto referências memoriais e afetivas, principalmente para a população idosa que ainda os frequenta, cotidianamente, para diversos tipos de atividades.

Figura 3: A cafeteria existente no Ponto de Cem Réis é local de encontro de idosos, centro de João Pessoa



Fonte: Foto de Marcela Dimenstein, 2014.

No que se refere à definição do grupo estudado, a pesquisa de campo foi responsável pela identificação dos idosos contatados, num total de 14 entrevistados, ressaltando que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o objetivo do número de participantes é produzir informações profundas e ilustrativas, não a quantificação de valores.

Minayo (1999) e Silveira e Gerhardt (2009) oferecem boas discussões a respeito do número de participantes, afirmando que na amostragem da pesquisa qualitativa não há uma preocupação com a generalização. Na verdade, há a necessidade de um maior aprofundamento e abrangência da compreensão, ou seja, o pesquisador deve ser capaz de identificar e analisar dados não-mensuráveis, como sensações, pensamentos, comportamentos, percepções e motivações de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico. Em se tratando dos participantes de nossa pesquisa, não houve necessidade que fossem moradores do centro, e sim, que fossem frequentadores, experimentadores e narradores desse espaço e de suas atividades contemporâneas. Abordamo-os no próprio local de estudo e a aproximação ocorreu após as observações de campo,

quando foram identificados os possíveis indivíduos que aceitassem partilhar suas impressões, experiências e memórias.

### PERCORRENDO A TRILHA

Entramos em campo com o objetivo de conhecer as experiências urbanas de idosos no centro de João Pessoa nos dias de hoje. Para isso, intencionávamos coletar dados que propiciassem essa resposta do presente através da observação de campo, do ensaio autofotográfico e da entrevista semiestruturada.

Para o ensaio autofotográfico seriam escolhidos alguns idosos que, na posse de uma câmera fotográfica (fornecidas por nós), fariam seus registros dos espaços do centro da cidade, de forma espontânea. Posteriormente, essas imagens serviriam como facilitadoras de narrativas de suas realidades. A entrevista semiestruturada ocorreria juntamente com a interpretação das fotografias e auxiliaria na construção da narrativa desses sujeitos, na tentativa de responder as questões centrais desse trabalho.

Essa estratégia de investigação foi proposta por Gomes e Dimenstein (2005), no artigo intitulado *Subjetividade e Narrativas Visuais*, e tem sido utilizada como um recurso metodológico em pesquisas com crianças e adolescentes no campo da psicologia. Alguns estudos em arquitetura e urbanismo, a exemplo dos trabalhos de Ferrara (1988; 1993), fizeram uso desse procedimento, aparecendo como uma novidade nesse campo.

As observações de campo confirmaram a suposição de que havia um número significativo de idosos circulando pelo centro e interagindo entre si e com os espaços públicos. Sozinhos ou em grupos, muitos apenas sentados observando o movimento, outros conversando, outros perambulando resolvendo pendências ou trabalhando.

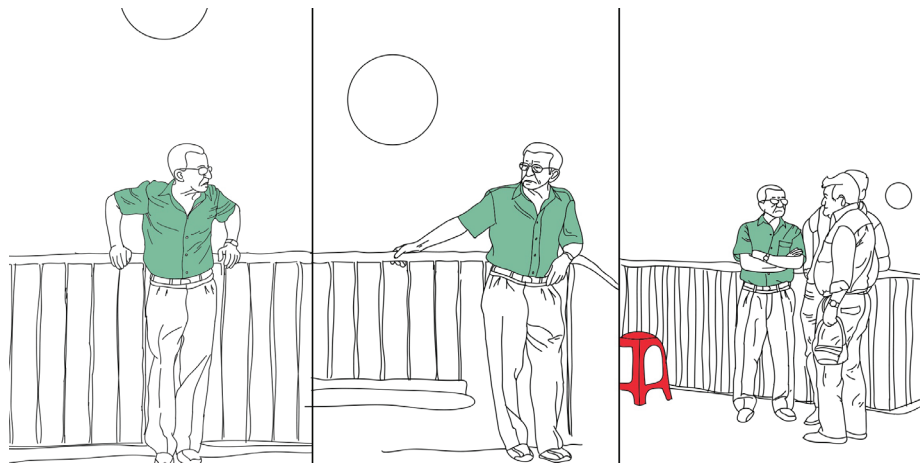
Figura 4: Desenhos representativos de idosos olhando o movimento da rua, reunidos no café, trabalhando e resolvendo pendências



Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

Percebemos que certos idosos são usuários frequentes dos espaços públicos centrais, pois, durante as visitas de campo, passamos a identificá-los de forma recorrente e, de um modo geral, sempre ocupando os mesmos locais, nas mesmas horas do dia e realizando as mesmas atividades. Foi possível identificar sujeitos que frequentavam o centro apenas pela manhã, outros à tarde e à noite e os que apareciam de manhã, de tarde e de noite.

Figura 5: Desenho representativo de idoso em diferentes turnos do dia no mesmo local



Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

Dessa forma, foi possível definir quem seriam os idosos a serem contatados para a realização das próximas etapas da pesquisa. Selecionamos, assim, aqueles que utilizavam cotidianamente o espaço, os quais poderíamos encontrar mais de uma vez, facilitando os primeiros contatos, para explicarmos a pesquisa, o instrumento fotográfico e as entrevistas.

#### DESVIOS NO PERCURSO

Após as visitas observacionais e o contato com os possíveis informantes da pesquisa, demos início às tentativas de abordagem deles. Porém, essa etapa se mostrou mais complicada do que prevíamos, conduzindo-nos a alterações nas estratégias planejadas.

A primeira dificuldade foi a resistência de alguns idosos em participar da pesquisa quando mencionávamos que se tratava de um estudo sobre aquele espaço e era vinculado à UFPB. Respondiam rapidamente que não queriam participar, pois não sabiam falar sobre o tema e que estavam muito apressados. Alguns, mesmo depois de falarem que estavam atarefados, permaneciam sentados; outros levantavam-se e iam embora.

Percebemos que havia uma relação entre a dificuldade de abordá-los e o fato de serem apenas mulheres pesquisadoras tentando o contato. Fomos acompanhadas de um colega do sexo masculino e os entrevistados mostraram-se menos indispostos e, muitas vezes, responderam às perguntas feitas pela pesquisadora em direção ao colega. Passamos, então, a ir a campo com ajuda do colega como acompanhante. Essas primeiras tentativas também indicaram que o *approach* utilizado não estava correto e que seria necessário descobrir uma nova forma de aproximação.

Passamos a fazer uma aproximação com os sujeitos, mediante a ajuda de um estudante de jornalismo, que trabalhava como estagiário do *Jornal da Paraíba* (periódico local), que já havia realizado entrevistas anteriores com esse tipo de público. Percebemos que seu *approach* com a população idosa era diferente. O início da conversa não se dava com uma apresentação do entrevistador e sobre o que seria a entrevista.

Dava-se com uma pergunta vaga, como: “O senhor é daqui?” ou até mesmo um comentário: “Está quente hoje, hein?!”.

Dessa forma, em um clima mais descontraído, a conversa acontecia mais facilmente e era possível inserir as perguntas do roteiro de entrevista à medida que os assuntos iam se desenrolando. A princípio, os pesquisados não se sentiam confortáveis em revelar seus nomes, nem onde moravam e, muitas vezes, não percebiam que estavam participando de uma pesquisa até a apresentação formal das duas partes, que acontecia no desenrolar da conversa quando trocávamos informações e experiências pessoais. Devemos esclarecer que essa foi apenas uma estratégia de aproximação dos sujeitos. A apresentação formal da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa foram explicitados durante as entrevistas.

Figura 6: Desenho representativo das dificuldades dos primeiros contatos e o novo approach



Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

Fazendo uso dessa nova abordagem, foi possível estabelecer os primeiros contatos com os idosos, quando percebemos também que alguns deles não estavam acostumados ao contato com a câmera fotográfica, tanto por não estarem familiarizados com a ferramenta e seus novos recursos quanto por acharem que teriam que fazer boas fotos e que seriam avaliados por isso.

Outro fator que dificultou o uso da estratégia da autofotografia foi que muitos dos idosos observados e contatados apresentavam algum tipo de limitação associada à idade, como, por exemplo, o fato de que muitos já não enxergavam bem, não conseguiam manejar objetos pequenos, tinham que andar de muletas e não conseguiam operar a câmera. Entretanto, consideramos que o fator crucial para o insucesso da técnica fotográfica esteve mais associado à intimidação frente ao instrumento (máquina fotográfica) e, principalmente, em utilizá-lo na frente de outras pessoas.

Essa etapa de primeiros contatos foi decisiva para mudarmos os rumos da abordagem com prováveis participantes. As dificuldades encontradas mostraram que a autofotografia não era conveniente, tendo sido necessário realizar algumas modificações, tanto relacionadas aos procedimentos e técnicas, quanto à compreensão

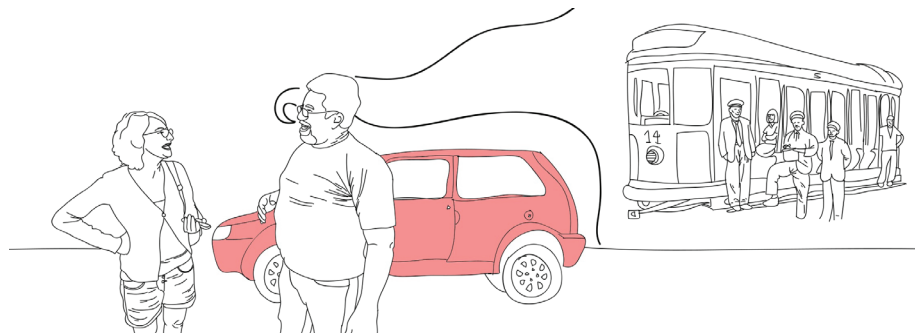
desse grupo focal. Logo, visualizamos com clareza a característica da investigação de campo como um processo de idas e vindas, flexível e que acontecimentos inesperados realimentariam o processo sugerindo novos caminhos.

### SEGUINDO OS RASTROS

Uma vez que a autofotografia não se mostrava adequada, outra estratégia começou a ser visualizada como mais apropriada aos primeiros contatos com os idosos. A narrativa gerada pelas entrevistas semiestruturadas traziam mais informações úteis do que havíamos pressuposto, inclusive revelando que o roteiro de entrevista também deveria ser alterado para se adequar aos diferentes assuntos que pudessem surgir espontaneamente.

Notamos que os idosos contatados sempre falavam das suas experiências urbanas de hoje remetendo ao passado e realizando sobreposições desses tempos. As comparações também eram inevitáveis, e muitos dados importantes acerca de suas experiências no centro apareciam inesperadamente. Dessa forma, o processo de investigação da pesquisa, assim como as observações, as entrevistas e as narrativas resultantes ganharam relevo no processo de investigação, delineando formas de abordar as experiências urbanas e de apreender as práticas e as representações dos praticantes da cidade.

Figura 7: Desenho representativo de memórias surgindo durante entrevista semiestruturada



Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

### REENCONTRANDO O CAMINHO

Após efetuarmos tais mudanças nos procedimentos e técnicas de investigação, voltamos a campo em busca de reencontrar os idosos contatados anteriormente e de refazer nossa abordagem e interação com eles.

O fato de já termos tido, anteriormente, esse primeiro contato, mesmo que frustrados em termos da inadequação dos instrumentos de pesquisa, facilitou a segunda estratégia de aproximação e de estabelecimento de uma espécie de confiança entre pesquisador e pesquisado, pois já sabíamos os melhores horários e os locais para encontrá-los, bem como o que os incomodava ou intimidava. Entretanto, houve alguns casos em que não pudemos reencontrar os mesmos indivíduos observados na fase inicial.

Foi frequente, também, o contato com novos sujeitos durante as entrevistas, que nos remetiam a novos participantes, num processo em cadeia de aproximação.

A conversa descontraída e os temas tratados chamavam atenção de outros idosos/usuários que estavam ali por perto e se aproximavam para dar suas contribuições. Nesses casos, a entrevista individual evoluía para uma entrevista em grupo e os entrevistados respondiam simultaneamente às questões de maneira informal.

Figura 8: Desenho representativo de conversa atraindo pessoas que estavam de passagem

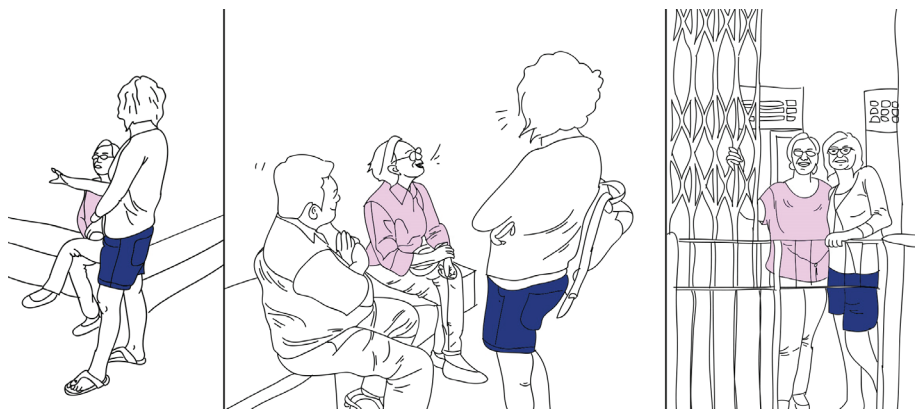


Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

Identificamos, nesse sentido, pontos de encontro recorrentes nas narrativas dos entrevistados, como, por exemplo, a Livraria do Luiz<sup>9</sup>, localizada numa galeria da Praça 1817. Localizamos, assim, grupos que costumavam se encontrar nos espaços públicos do centro e que se reconheciam ou eram mencionados pelos entrevistados inicialmente.

<sup>9</sup> A Livraria do Luiz está localizada na galeria Augusto do Anjos, na Praça 1817, Centro. Foi fundada na década de 1970 e ainda hoje atrai um público frequente, principalmente para encontros e bate-papos.

Figura 9: Desenho representativo de conversa que se estendeu à casa da entrevistada



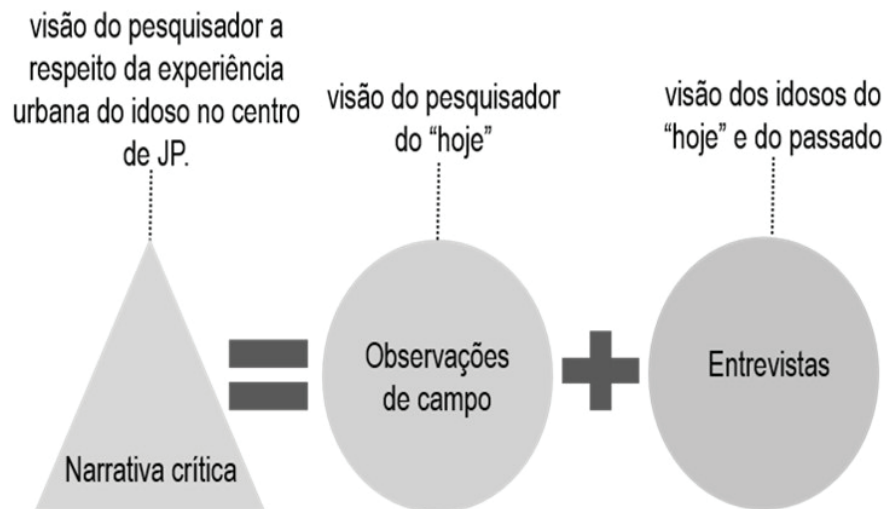
Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

Durante as 10 visitas feitas a campo para reencontrar os sujeitos contatados e realizar complementações nas entrevistas, a relação entre a pesquisadora e os sujeitos foi progressivamente ficando mais afetuosa, amável e de confiança mútua. Uma das entrevistadas chegou, inclusive, a se referir à pesquisadora como “minha netinha”. Uma confiança foi se desenvolvendo e os assuntos tratados ficaram mais íntimos. No caso de uma entrevistada que mora no centro, a conversa ocorreu dentro da casa dela.

## REGISTROS DE EXPERIÊNCIAS URBANAS

Após a reunião das informações obtidas por meio das observações de campo, das entrevistas semiestruturadas e da revisão bibliográfica, restava-nos encontrar um meio mais adequado de sistematizar todas as informações para analisá-las de modo articulado, procurando chegar às narrativas urbanas dos idosos do centro da cidade de João Pessoa sem perder o caráter de relativa imparcialidade necessário à uma perspectiva crítica como nos propusemos a realizar. Sintetizamos abaixo a forma que consideramos adequada à realização dessa análise crítica:

Figura 10: Modelo de estudo de síntese e análise de dados



Fonte: Elaborado por Marcela Dimenstein, 2014.

Durante as visitas de campo, em especial após os primeiros contatos, pudemos perceber a forte relação existente entre os idosos e o centro. Contudo, os participantes não conseguiam explicar o porquê dessa ligação, apenas sabiam que gostavam daquele espaço e que era o local que vinham quando queriam encontrar os amigos ou passear.

Em se tratando do centro da cidade, essa localidade desperta diversos sentimentos, levando alguns a enxergarem um conjunto de casas ou prédios antigos e abandonados e, outros, um local nostálgico, que remetia um passado bom/melhor. Esse sentimento parecia atingir até aqueles que não viveram o período áureo do centro da cidade, sobretudo devido ao caráter simbólico das edificações que sobreviveram ao tempo e que seriam provas vivas de uma época e de seus significados.



Além do simbolismo das edificações do centro, outro aspecto que pareceu interferir na relação espaço-indivíduo foi o recurso à memória individual e coletiva. Na maioria das vezes, estava associada à capacidade de armazenar e conservar informações, elemento essencial na forma de representar o passado e de identificação com um lugar.

Bosi (1994, p. 406) inicia o último capítulo de seu livro *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos* com a seguinte frase: “Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas”. A autora refere-se a Maurice Halbwachs para explicar que nossas lembranças são, em parte, coletivas, ao serem lembradas por outros, narradas por parentes, amigos, em leituras de jornal etc., mesmo que se trate de acontecimentos os quais envolveriam os que recontam no presente. Se, por um lado, isso nos leva a valorizar as experiências e memórias partilhadas na família, na escola, no trabalho, entre amigos, por outro lado, retira parte da autonomia dos sujeitos de produzirem memórias individuais e singulares. Atentos a esses processos, passamos a analisar as percepções e memórias como parte de grupos com os quais os entrevistados mantinham relações afetivas, contextuais etc., mas também procuramos identificar as singulares. Esse processo de memória e esquecimento parecia vinculado a uma necessidade de pertencimento a uma comunidade afetiva para a reconstrução e conservação de lembranças, mas também indicava uma atualização por indivíduos em suas particularidades, bem como em suas vivências cotidianas e atuais.

A memória coletiva tira suas forças e duração de uma base comum a um conjunto de pessoas que lembram enquanto integrantes do grupo. Essa massa de lembranças comuns não aparece com a mesma intensidade para cada indivíduo. Não podemos esquecer que a cidade não é um coletivo de vivências homogêneas e que os pontos de vista individuais variam de acordo com os grupos que fazemos parte e os ambientes em que nos relacionamos, bem como dependem do nosso próprio horizonte de vida.

Bosi (1994) explica que é por isso que existem fatos que não repercutiram coletivamente, mas que só mexeram profundamente em indivíduos específicos. O indivíduo é o memorizador das camadas do passado e tem acesso a coisas que são, para ele, e só para ele, significativas dentro de um tesouro comum. Isso ocorreu com Seu Marco, ao tratar de um incidente no Ponto de Cem Réis durante a copa do mundo de 1958: “Em 1958 eu vinha pra aqui menino ouvir a decisão do jogo Brasil e Suécia. Nessa época passava numa difusora, não era nem rádio. Aí soltaram uma bomba tão pesada daquelas que os vidros do ponto chique<sup>10</sup> caíram mesmo” (Marco, 63 anos).

Figura 11: Desenho representativo da final da Copa do mundo de 1958 com bomba explodindo os vidros do Ponto Chique que existia no Ponto de Cem Réis



Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

**10** Existiam dois pavilhões no Ponto de Cem Réis que eram popularmente chamados de Ponto chique. Conformavam-se em pontos de encontros da população, uma vez que lá podia-se encontrar sapateiros, bancas de jornais, cafés, bombonière, etc.

Durante as entrevistas percebemos ainda que, apesar de todos os entrevistados participarem de um mesmo grupo de frequentadores do centro da cidade, ocorriam mudanças de perspectivas nas narrativas segundo a classe social e o gênero dos entrevistados. Também é importante dizer que o idoso mais velho entrevistado estava com 82 anos, ou seja, nasceu no início da década de 1930. Logo, as lembranças evocadas remeteriam ao final da década de 1930 em diante.

Um das lembranças mais recorrentes estavam ligadas ao lazer na cidade. O cinema foi apontado como uma das grandes diversões da época e a maioria dos entrevistados lembrava do centro como um lugar agitado, que atraía muita gente e que de noite fervia com bares, sorveterias, jogos e música. Os trechos abaixo são expressivos dessas lembranças:

**Ah, cinema era a maior diversão da cidade.** Sábado era a matinê do Plaza, domingo era a matinê do Rex<sup>11</sup>, então a gente vestia a melhor roupa que tinha, se penteava todinha, colocava uns vestidinhos todos armados, lindas de morrer, ai ai. Ai, depois da sessão de cinema, íamos pra Lagoa ou marcava com as meninas pra tomar sorvete na Canadá<sup>12</sup>. **Teve uma vez que o Rex tirou todas as cadeiras da metade do cinema para que a gente fosse aprender a dançar rock and roll com filme.** Ai a gente emendava uma sessão na outra e aproveitava para paquerar também. (Rosa, 72 anos).

Tinha de tudo, a cidade tava crescendo. Tinha o cinema ali onde é a Casa Pio, era o Plaza. E o Rex era ali em cima. **A gente frequentava porque a gente era novo e trabalhava pra entrar ne!? E tinha o dia do pobre, o dia do rico. A gente vinha no dia do pobre.** Era assim: primeiro eles passavam o filme e tinha um dia que passava o mesmo filme que já tinha sido passado na semana anterior. Na frente tinha o Clube Cabo Branco<sup>13</sup>, só tinha o povo nobre, grã-fino. A gente usava suspensório, tinha que tá tudo nos trinques. Se rasgasse, a gente mesmo que tinha que costurar. [...] (Jonas, 74 anos e André, 68 anos).

Figuras 12 e 13: Desenho representativo da aula de dança do Cine Rex e da sorveteria Canadá



Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

Os trechos acima mostraram a grande animação que contagiava a área central, tanto pela manhã quanto à noite. Entretanto, pudemos identificar algumas diferenças nos discursos de alguns entrevistados. Os que tinham um maior poder aquisitivo

11 Os cinemas Plaza e Rex eram os dois cinemas mais refinados da cidade de João Pessoa entre as décadas de 1950 e 1960. O primeiro localizava-se na rua Visconde de Pelotas e o segundo, na rua Duque de Caxias, ruas que permeiam o Ponto de Cem Réis.

12 A sorveteria Canadá localizava-se no térreo do Parahyba Palace Hotel, construído na década de 1920 no Ponto de Cem Réis.

13 A Sede do Clube Cabo Branco localizava-se na rua Duque de Caxias e era um dos pontos de encontro mais refinados da cidade. Lá ocorriam jogos de cartas, encontros de negócios e grandes bailes de carnaval.

frequentemente faziam o passeio: Cinema – Sorveteria – Lagoa. Lembram das casas de show, dos restaurantes e dos bares, etc.

Enquanto isso, os menos favorecidos recordam o esforço que faziam para ir ao cinema, as estratégias para frequentarem os horários mais baratos, lembravam-se dos locais onde o pessoal mais grã-fino frequentava, do zelo pelas roupas que usavam e que sempre se empenhavam para também estar bem vestidos. Afirmaram, ainda, que, antigamente, as pessoas eram mais humildes e se respeitavam mais.

Os entrevistados referiram com frequência que andavam bastante a pé pela cidade, mas, sem dúvida, o bonde foi o que lhes trouxe mais lembranças. Com as obras de melhoramento, os bondes seguiram com força até meados da década de 1950, quando a indústria automobilística se desenvolveu e teve uma grande repercussão nos transportes urbanos (OLIVEIRA, 2006). Os entrevistados contam as seguintes histórias:

**Aqui antes tinha muito mais opções de coisas pra fazer,** só de parar aqui pra olhar os bondes já era uma diversão. E nessa época ainda tinham os pavilhões com os engraxates e a bombonière. Era um tempo agitado que só (João, 64 anos).

Uma coisa que eu gostava muito e que sempre me lembro era de andar de bonde. A gente pegava o bonde e ia pra Tambaú<sup>14</sup>. **Porque papai tinha muito calor aqui, aí íamos muito pra praia. Umás 20h da noite por aí, esperava um pouquinho e aí voltava pra casa.** A gente não fazia NADA! Ninguém vinha à praia essa hora. **Aí era uma aventura.** Às vezes meu pai e minha mãe levavam um livro pra ler ou qualquer coisa pra fazer e a gente tomava conta do bonde. Aí a gente virava os bancos todinhos pra um lado, depois todinhos pro outro. Isso em 1937, 38. (Gleudson, 82 anos).

**14** Tambaú é um bairro da Zona Leste da cidade que é margeado pela Avenida Eptácio Pessoa e é onde se localiza uma das praias urbanas mais tradicionais de João Pessoa.

Figura 14: Desenho representativo da aventura no bonde a noite na Linha Tambaú



Fonte: Ilustração de Marcela Dimenstein, 2014.

O assunto do trabalho lhes pareceu o menos estimulante dentre os assuntos tratados nas entrevistas. Alguns, inclusive, demoravam em dizer suas profissões e, quando o faziam, referiam-se a elas de forma vaga, não explicando seus cargos. A maior parte dos participantes, agora aposentados, preferiu falar de outros assuntos. Muitas respostas foram: “Eu trabalhava em uma firma” (Pietro, 72 anos) ou, “antes eu fazia outras coisas, agora eu trabalho como vendedor de remédios” (João, 64 anos).

Contudo, algumas respostas ajudaram a identificar as ocupações de muitos dos entrevistados, como nos trechos destacados abaixo:

**15** O entrevistado refere-se à Praça Rio Branco (antiga praça cívica onde se localizavam o pelourinho, a casa de câmara e cadeia da cidade), que fica entre as ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas. Antes da reforma – entre 2010 e 2012 – configurava-se com estacionamento de veículos.

**16** A Sede do extinto Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (IPASE) localiza-se no Ponto de Cem Réis. O prédio hoje está abandonado e é ocupado por famílias de “sem teto”.

**17** Tambiá, Trincheiras, Jaguaribe e Torre são bairros que permeiam a área central. Sempre foram predominantemente residenciais e são considerados bairros tradicionais da cidade. Bairros como Valentina e Funcionários I, II, III estão mais afastados do centro, na região sul da cidade, que hoje se configura como um eixo de expansão de João Pessoa.

Eu trabalhava pela Epitácio, às vezes vinha aqui pro centro também. **Eu lavava carro**, sabe?! Ficava olhando o carro do povo que ia pro Clube Cabo Branco. Antes da reforma da Rio Branco<sup>15</sup> eu ficava muito lá (André, 68 anos).

Eu sou aposentado de padeiro, mas isso antigamente **não era assim não, não existia ter uma profissão. A gente fazia o que aparecesse**. Teve uma época que eu trabalhava aqui no centro com pintura, mas não rendia muito não. Eu ia pra cima e pra baixo. Subia nesses prédios tudinho. Pinte esse IPASE<sup>16</sup> aqui. Ficava pendurado o dia todo. Agora não ando mais, mas antigamente [...] sempre dava uma parada pra ver o movimento (Jonas, 74 anos).

Segundo os entrevistados, a vivência na cidade contemporânea em muito se distancia do que foi antigamente. Primeiramente, retratam a mobilidade crescente a partir dos anos 1950 no sentido centro – praia, centro – bairros de Tambiá/ Trincheiras<sup>17</sup> e proximidades. Muitos entrevistados que moravam no centro ou em suas proximidades afirmaram ter mudado para outros bairros. Em segundo lugar, a expansão urbana, o valor do solo urbano, a necessidade de mais espaço para criar a família etc. foram argumentos apresentados.

Eu morava no centro, mas depois me mudei pra Torre e de lá fui pra Valentina porque Torre, Jaguaribe, **esses bairros todinhos cresceram demais** (Jonas, 74 anos).

Eu morava aqui na General Osório, aí em **1982 eu me casei e fui pra os Funcionários II** (Marco, 63 anos).

Ao falar do espaço de hoje, os entrevistados deram suas próprias sugestões do que deveria mudar para que o espaço ficasse apropriado para eles e para o resto da população.

**Pros idosos não é muito bom não**, dá pra aproveitar algumas coisas, mas é muito cheio de querequequeu. Demoraram quase 2 anos pra fazer esse calçamento aqui, colocaram essas plantas, ficou bonito, à noite é iluminado, mas essas barracas véias com esses negócios de São João (ambulantes), isso atrapalha (Josil, 71 anos).

Olhe, **eu sou diabético e não tem onde usar o banheiro**. Lá em frente tem um shopping (Terceirão), tem umas pessoas que eu conheço, aí vou andando até lá ou então ali no shopping Cidade. Lá tem um sanitariozinho véio. (Pietro, 72 anos).

Identificamos um grupo de pessoas que diariamente têm de se adaptar ao mundo contemporâneo e criar referências que as ajude a preservar suas identidades. Tudo indica que esses idosos lidam constantemente com diversos obstáculos que estão presentes nos espaços de circulação diária e que poderiam ser encarados como desestimulantes. O que constatamos, no entanto, foi uma população muito resistente, com capacidade de adaptação às novas formas de vida urbana e que tem como referências os locais que residem ou residiram em uma época, onde se divertiram, sofreram, trabalharam, circularam diariamente e que ainda lhes desperta afetos e memórias.

## CONCLUSÃO

Em nossas pesquisas com idosos no centro da cidade de João Pessoa foi possível encontrar uma área central que passou por diversas mudanças ao longo das últimas décadas, principalmente no seu modo de uso e ocupação, reduzindo significativamente os espaços residenciais e convertendo-se em um dos mais importantes setores comerciais e de serviço da cidade, configurando-se como um lugar de diferentes experiências e onde é possível encontrar personagens que ativam a área com diversas atividades. Mesmo com as múltiplas transformações na dinâmica do local, ainda é possível ver uma população idosa que utiliza o centro como lugar de lazer, moradia, circulação e trabalho, configurando-se como importantes atores para a legitimação da área enquanto local da cultura, memória e afetos.

Observamos, ao pesquisarmos as experiências urbanas dos idosos no centro, uma inevitabilidade em falar de passado e presente, muitas vezes sobrepondo esses tempos em suas narrativas. Estar no centro ativa suas memórias, reafirma seus costumes e ainda lhes desperta afetos. A arquitetura ali existente reflete a sociedade de uma época e está cheia de valores, sentidos e significados que revelam uma espécie de jogo de memória e esquecimento, sobretudo marcando fatos relevantes de suas trajetórias de vida. Isso nos leva a pensar que o centro é um lugar de identidade, apego e sentimentos de pertencimento para esses indivíduos.

Diante disso, é importante refletir sobre os efeitos da atual lógica de produção/reprodução espacial com tendência à destruição dos referenciais urbanos e de inserção de novas formas que se constroem rapidamente sobre outras, pois as constantes mudanças exercem um efeito no sentimento de pertencimento ao lugar e influenciam os vínculos emocionais com o entorno.

Nessa pesquisa, encontramos uma população idosa que, apesar de ter sua memória urbana fragmentada pelas mutações do espaço e em constante processo de reapropriação deste, ainda tem prazer em estar no centro, circulando cotidianamente e insistindo na apreensão das mudanças contemporâneas e adaptando-se a elas. Os idosos observados e entrevistados são personagens que resistem à pacificação urbana de forma anônima e dissensual, muitas vezes ultrapassando dificuldades e grandes distâncias para ativá-lo com as mais diversas atividades.

Esse trabalho também permitiu testar e criar novas estratégias de investigação e observação de campo, bem como de apresentação dos resultados de nossas pesquisas.

Acompanhar, descrever e interpretar os diversos atores sociais e suas formas de usos e apropriação dos espaços urbanos centrais não foi tarefa fácil devido (i) à diversidade e dissociação entre representação e delimitação formal, mesmo entre um grupo específico de idosos, e (ii) às dificuldades e desafios metodológicos que pressupõe o trabalho etnográfico. Portanto, fez-se necessário inovar em termos metodológicos, articulando conhecimentos e ferramentas da antropologia, da sociologia e das artes, em especial nos processos de abordagem, entrevistas, problematização dos espaços em tempos distintos, bem como de síntese e descrição do que obtivemos como conhecimento, representação e percepção dos espaços públicos dos centros urbanos.

Os recursos da etnografia, combinados aos históricos e memoriais, a análise das falas, suas articulações com as experiências de cada um, e a nossa própria representação desses espaços enquanto arquitetos e urbanistas tiveram que ser reformu-

**Marcela Dimenstein** é graduada e mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); professora nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ) e do Instituto Superior de Educação da Paraíba (IESP).  
E-mail: [mmarcelad@gmail.com](mailto:mmarcelad@gmail.com)

**Jovanka Baracuchy Cavalcanti Scocuglia** é graduada em Arquitetura e Urbanismo e mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); professora associada no Departamento e no Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFPB.  
E-mail: [jovankabcs@gmail.com](mailto:jovankabcs@gmail.com)

Artigo recebido em 6 de agosto de 2016 e aprovado para publicação em 16 de janeiro de 2017.

lados no processo de pesquisa e de análise em busca de uma compreensão encarnada, corporificada das experiências e percepções dos indivíduos e grupos que continuam a viver, circular e configurar a paisagem do centro da cidade de João Pessoa.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- ANDRADE, P. A. F. *Metamorfose dos centros urbanos: Uma análise das transformações na centralidade de João Pessoa – PB 1970-2006*. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/5573/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRITO, F. D.; JACQUES, P. “Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 337-359, maio/ago. 2009. <https://doi.org/10.1590/s1984-02922009000200010>
- BOSI, E. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERTEAU, M. Caminhadas pela Cidade. In: \_\_\_\_\_. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 169-192.
- CARLOS, A. F. A. *O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contratempo, 1997.
- FERRARA, L. *Ver a Cidade*. São Paulo: Nobel, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Olhar Periférico*. 2. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993.
- FÜZESSÉRY, S.; SIMAY, P. (Org.). *Le choc des métropoles*. Simmel, Kracauer, Benjamin. Paris/Tel-Aviv: Editions de l'éclat, 2008.
- GAGNEBIN, J. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. Walter Benjamin ou história aberta. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, Arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 07-19.
- GOMES, M. A. F.; DIMENSTEIN, M. Subjetividade e narrativas visuais: a fotografia como recurso metodológico na pesquisa com crianças e adolescentes no campo da psicologia. *Vivência: Revista de Antropologia*, n. 29, p. 409-427, 2005. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/29/PDF%20para%20INTERNET\\_29/3\\_DOSSI%20C3%8A\\_imagens/CAP%207\\_MARIA%20APARECIDA%20E%20MAGDA%20DIMENSTEIN.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/29/PDF%20para%20INTERNET_29/3_DOSSI%20C3%8A_imagens/CAP%207_MARIA%20APARECIDA%20E%20MAGDA%20DIMENSTEIN.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009.
- JACQUES, P. B. *Apologia da deriva*. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- \_\_\_\_\_. Espetacularização urbana contemporânea. *Cadernos PPGAU/UFBA*, v. 3, n. especial, 2004. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1684>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- \_\_\_\_\_. Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. (Org.). *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 106-119. Disponível em: <[http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO\\_CORPOCIDADE.pdf](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO_CORPOCIDADE.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

- LÉFÈBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARTINS, P. D.; MAIA, D. S. O caminho que leva ao mar: a Avenida Epitácio Pessoa, via de expansão e estruturação da cidade de João Pessoa – PB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 16., 2015, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ANPUR, 2015. Disponível em: <[http://xvienanpur.com.br/anais/?wpfb\\_dl=677](http://xvienanpur.com.br/anais/?wpfb_dl=677)>. Acesso em 10 mar. 2017.
- MINAYO, M. *Ciência Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MCCLLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 1995.
- OLIVEIRA, J. *Uma contribuição aos estudos sobre a relação transporte e crescimento urbano: O caso de João Pessoa – PB*. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- PEREIRA, F. T. B. *Difusão da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa (1956-1971)*. 2008. 276 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-21072008-142851/pt-br.php>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- RIBEIRO, A. C. T. Dança de Sentidos: na busca de alguns gestos. In: BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. (Org.). *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 24-41. Disponível em: <[http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO\\_CORPOCIDADE.pdf](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO_CORPOCIDADE.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- SANTOS, C. N. F. (Coord.). *Quando a rua vira casa*. São Paulo: Projeto, 1985.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- SCOCUGLIA, J. B. C. *Revitalização urbana e (re) invenção do Centro Histórico de João Pessoa (1987-2002)*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2004.
- \_\_\_\_\_. Cidades, intervenções e práticas urbanas: usos do espaço público e qualidade sociourbanística nos centros de João Pessoa e Recife. In: SILVEIRA, J., DUTRA, M.; COSTA, A. (Org.). *Espaços livres públicos e suas interfaces intraurbanas*. João Pessoa: AB Editores, 2016. p. 186-229.
- SENNET, R. *O Declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>
- SILVEIRA, D.; GERHARDT, T. (Org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.
- THIBAUD, J. Por uma gramática geradora das ambiências. In: SCOCUGLIA, J. B. C. (Org.). *Cidade, Cultura e Urbanidade*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2012. p. 27-70.